

Jumbo não suspende centralização

JUREMA BAESSE
Da Editoria de Economia

34
5 FEB 83
Cred. ext.

A centralização de câmbio no Banco Central, em vigor desde o dia 29 de julho do ano passado, não deverá ser suspensa mesmo que entrem as primeiras parcelas do empréstimo **jumbo** de US\$ 6,5 bilhões assinado dia 27. A informação é de fonte categorizada do Ministério da Fazenda ao acrescentar que, o pouco que sobrar do **jumbo**, depois de saldar os atrasados e cobrir o déficit da balança de pagamentos, algo em torno de US\$ 1,5 bilhão, será suficiente apenas para as compras de petróleo, envio de remessas e para adquirir alguns equipamentos de reposição, durante o primeiro trimestre deste ano.

Além disso, ainda há alguns compromissos comerciais permitidos pela resolução 851 (a que centralizou o câmbio) que estão à espera de dólares para serem cumpridos. A manutenção da centralização do câmbio é um dos fatores essenciais para que o Brasil obtenha o ambicioso superávit de US\$ 9 bilhões ao final do ano na balança comercial, assegurou a mesma fonte.

Para outra fonte, também do ministério da Fazenda, os US\$ 9 bilhões serão alcançados apesar da dificuldade na obtenção de divisas e das barreiras protecionistas que estão aumentando ainda mais neste ano. Os processos de direito compensatório e de **dumping** que o Brasil está enfrentando, principalmente nos Estados Unidos, sobre as suas exportações de aço, tendem a se avolumar, acredita esta fonte, pois os EUA estão vivendo um ano eleitoral e a opinião pública, que normalmente é respeitada e acatada, será ainda mais ouvida neste ano.

Isto significa, explicou a fonte, que os sindicatos dos trabalhadores, influenciados pelos interesses patronais e pelo temor ao desemprego, irão reivindicar junto ao governo norte-

americano mais proteção para os seus produtos e o seu comércio. Processos de direitos compensatórios que vinham se arrastando com lentidão poderão ser ativados. Na maior parte dessas decisões, porém, a palavra final é do próprio presidente Reagan, que se baseia em pareceres da Internacional Trade Commission (ITC) e do Departamento de Comércio Americano que, é óbvio, defendem os interesses dos empresários americanos com os quais o presidente dos EUA quer manter "uma política de boa vizinhança". Nem por isso a decisão deixa de ser política.

As exportações de aço, explicou a mesma fonte, além dos problemas de ordem protecionista, enfrentam uma situação conjuntural de produção excessiva, e por isso dificilmente o Brasil conseguirá neste ano exportar os US\$ 300 milhões comercializados em 83. Além disso, alguns países como os EUA e Japão estão promovendo uma substituição do aço por matérias sintéticas de alta resistência, as quais só são produzidas por parques industriais sofisticados. A indústria eletrônica, por exemplo, está substituindo sistematicamente componentes de aço por materiais plásticos de alta durabilidade e resistência.

Outros produtos da pauta de exportação brasileira, como os calçados, cujas exportações deverão neste ano alcançar a casa de US\$ 1 bilhão, também enfrentam problemas de ordem protecionista por parte dos EUA e da Comunidade Econômica Européia. Esta cifra, porém, acredita a fonte, deverá ser alcançada em 84 pois o produto brasileiro é de boa qualidade e conta com uma margem pequena de subsídio.

A soja, apesar de estar vislumbando um amplo mercado em 84, deverá enfrentar uma tendência de queda de preço a partir de junho, quando a safra americana, que deverá alcançar resultados recordes, começará a ser colhida. A Argentina

também está contando com uma supersafra e da mesma forma o Brasil. Isso significa uma grande oferta, o que provoca baixa dos preços. Porém, explicou este assessor do ministro da Fazenda, os US\$ 4 bilhões previstos com a receita da exportação da soja deverão ser alcançados, pois o mercado internacional ainda está comprador em função da completa inexistência de estoques.

A exportação de suco de laranja, pivô da alta inflação do Brasil em janeiro, deverá alcançar a cifra recorde de US\$ 600 milhões neste ano em razão da quebra de safra americana. O Brasil produz laranja para fabricar suco basicamente para abastecer o mercado americano, nosso maior comprador. As exportações brasileiras para lá funcionam como um mecanismo regulador de estoques e o mercado americano mantém durante todo o ano um nível razoável de oferta.

A quebra de safra de laranja na Flórida fez com que as exportações brasileiras recebessem um incremento de mais de US\$ 100 milhões, acabando totalmente com o estoque brasileiro de 150 mil toneladas. As maiores empresas exportadoras brasileiras, como a Cutrale e a Cargill, ambas de São Paulo, exportam o suco concentrado a granel para os EUA, em grandes volumes. Este tipo de transporte é pioneiro no Brasil. As outras empresas ainda enviam o seu suco em tambores.

O frango também tem um papel importante no desafio dos US\$ 9 bilhões. Neste ano o Brasil deverá exportar, principalmente para o Oriente Médio, aproximadamente US\$ 500 milhões. O frango brasileiro é preferido nestes países. Uma fonte da assessoria internacional do ministério da Fazenda explicou que, apesar do nosso produto ser um pouco mais caro do que os frangos exportados pela Comunidade Econômica Européia - CEE, eles têm preferência porque são alimentados com farinha de milho.